

LOURENÇO CAZARRÉ

Ilustrações

GIZÉ

# O motorista que contava assustadoras histórias de amor



*Obra adquirida pela Secretaria Municipal de Educação  
do Rio de Janeiro e pela Coordenadoria dos Núcleos  
de Ação Educativa – Conae, da Secretaria Municipal  
de Educação do Município de São Paulo  
Selecionado para o Programa Cantinho de Leitura (MG)  
e para o Salão Capixaba – ES*

2ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

Todos os direitos reservados à  
SARAIVA Educação Ltda.

Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2º andar  
Pinheiros – CEP 05425-902  
São Paulo - SP

**SAC**

0800-0117875  
De 2ª a 6ª, das 8h às 18h  
[www.editorasaraiva.com.br/contato](http://www.editorasaraiva.com.br/contato)

**Copyright** © Lourenço Cazarré, 1999

*Editor:* ROGÉRIO GASTALDO

*Assistentes editoriais:* ELAINE CRISTINA DEL NERO  
ELOÍSA DA SILVA ARAGÃO  
NAIR HITOMI KAYO

*Secretária editorial:* ROSILAINE REIS DA SILVA

*Preparação de originais:* CARMEM T. SIMÕES COSTA

*Suplemento de leitura:* MÁRCIA GARCIA

*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* VAGNER CASTRO DOS SANTOS

*Diagramação:* ALEXANDRE SILVA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cazarré, Lourenço

O motorista que contava assustadoras histórias de amor /  
Lourenço Cazarré ; ilustrações Gizé. — São Paulo : Saraiva,  
1999. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-03034-3

1. Literatura infantojuvenil I. Gizé. II. Título. III. Série.

99-3979

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

5ª tiragem, 2016

Impressão e Acabamento:

201823.002.005

## Sumário

Uma memória terrível .....	5
Chega de perguntas imbecis!.....	7
Só para não morrer burro .....	9
Atraindo a desgraça.....	11
O contador de casos de assombração .....	12
A menina mais linda do mundo.....	15
Não cantem musiquinhas idiotas.....	17
O inquietante diálogo das meninas.....	20
Traseiro é uma palavra normal.....	21
<i>A misteriosa menina do baile.....</i>	<i>23</i>
<i>Garotinho sapeca.....</i>	<i>24</i>
<i>O baile .....</i>	<i>25</i>
<i>O casal mais bonito .....</i>	<i>26</i>
<i>Conversa de namorados.....</i>	<i>28</i>
<i>Cavalgando nos dias de sol.....</i>	<i>30</i>
<i>Menino arteiro .....</i>	<i>31</i>
<i>Cavalos inquietos.....</i>	<i>32</i>
<i>Viagem pela noite escura.....</i>	<i>33</i>
<i>À beira da morte .....</i>	<i>36</i>
<i>Em busca de Cinderela.....</i>	<i>37</i>
<i>Queimado pelo fogo da paixão .....</i>	<i>40</i>
<i>A marca de Cinderela .....</i>	<i>41</i>
<i>A casa entre as figueiras-bravas.....</i>	<i>42</i>
<i>A grinalda de flores de laranjeira.....</i>	<i>43</i>
<i>Uma garotinha muito arteira.....</i>	<i>45</i>
<i>Um tombo terrível.....</i>	<i>47</i>
<i>Dessas florzinhas aí .....</i>	<i>49</i>
Desafiando o motorista.....	50
Alma penada, assombração e vampiro .....	52

Maldita excursão de colégio .....	54
Tem gente demais nesta sala .....	56
Figuras horríveis nas paredes .....	58
Um olhar cheio de interrogações .....	60
O restaurante do fim do mundo.....	61
A fome é o melhor tempero .....	62
<i>O barão Casmurro e a inglesinha</i> .....	65
<i>Sete mortes misteriosas</i> .....	67
<i>Pobre-diabo milionário</i> .....	69
Espíritos não mudam de casa .....	71
O maravilhoso quarto da inglesinha .....	72
Corram, pulem, gritem bastante .....	74
A Gruta do Choro Eterno.....	75
Pior que a entrada do inferno .....	77
Uma beijoca na bochecha.....	79
O pranto das almas penadas .....	82
Acabamos com a pobre mulher .....	84
<i>O trágico amor de Virgílio e Bela</i> .....	85
<i>Mil frases bobas</i> .....	87
<i>Debaixo da terra</i> .....	89
Fim de viagem com susto e xingamento .....	90
Fim de viagem, começo de namoro.....	93

## Uma memória terrível



A cidade onde nasci, Pelotas, no Rio Grande do Sul, é uma terra de contadores de casos. Meu avô, por exemplo, era dos melhores. Contava mil e uma histórias para mim e para os outros garotos da rua de Nossa Senhora da Luz, onde morávamos. Mas, por melhor narrador que fosse, vovô não superava seu Vereveveco, o motorista de um ônibus escolar.

Em 1975, quando estava para me formar em Jornalismo, fui incumbido pelo jornal da faculdade de entrevistar um contador de histórias. Lamentei que meu avô tivesse morrido pouco antes, mas, depois de refletir um bocado, lembrei-me do velho motorista. Resolvi procurá-lo.

Com a ajuda de amigos, localizei-o. Estava com 86 anos, totalmente lúcido. Não guiava mais, entretanto ainda mantinha o velho ônibus na garagem, brilhando. Todo dia passava uma flanela nele, polia os cromados, varria o corredor.

Gravador em punho, pedi a seu Vereveveco que me contasse umas histórias. Ele me olhou por muito tempo antes de perguntar:

— Você, por acaso, não era um gordinho quatro-olhos que acabou todo embarrado na visita ao palacete do barão, em 1964?

— Claro! — espantei-me. — Como o senhor se lembra de mim?

— Tenho uma memória terrível. Não esqueço nada. Nem eu mesmo sei como guardo tantas coisas dentro da cachola. Lembro até que, quando chegamos da excursão, seu avô passou um pito em você.

— Cacilda! — exclamei. Nem mesmo eu, o xingado, me lembrava mais daquele episódio, ocorrido há mais de dez anos. — Se o senhor se lembra da minha cara, certa-

mente se lembra das histórias que nos contou.

— Claro. Conteí as minhas três histórias prediletas.

Liguei o gravador.

Com sua voz rouca, que sofria pequenas alterações cada vez que reproduzia a fala de um personagem, seu Vereveco recontou os casos da misteriosa menina do baile, da inglesinha do barão e do amor entre Virgílio e Bela.

Mas foi além. Sua formidável memória permitiu que ele reproduzisse, para mim, frases da professora que nos comandou na excursão, a estressada dona Rute. Foi muito mais além: lembrou-se das perguntas idiotas do Mosca, das gozações do Paulão, da “sabedoria” da Sabichona e do pessimismo da Desmancha.

Gravei tudo o que falou durante as duas horas em que estivemos juntos. Na época, escrevi apenas um resumo das três histórias para o jornal da faculdade.

6

Agora, passados quase trinta e cinco anos da excursão, decidi, com base na gravação que fiz com seu Vereveco, misturada às minhas lembranças, recriar o passeio de que participei com meus colegas de sala a dois museus do interior do Rio Grande do Sul.



Entre as evocações feitas pelo motorista, que se recordava dos nomes e das feições de todos os alunos daquela turma, uma foi mais marcante. Ele se lembrava até mesmo da garota que fora a minha primeira namorada.

Passemos à história daquela excursão.

## ***Chega de perguntas imbecis!***



Numa certa segunda-feira, no mês de junho do distante ano de 1964, diante dos alunos do quinto ano primário do Grupo Escolar São Vicente de Paula, dona Rute anunciou:

— Na próxima sexta-feira, finalmente, vamos fazer a nossa grande excursão.

— Oba! — berrou Paulão, pulando na carteira e batendo palmas. E a classe se pôs a imitá-lo. — Oba, oba, oba!

Embora já soubéssemos da viagem, aguardada com ansiedade desde o início das aulas, comemoramos bastante. Berrar, saltar e fazer barulho era sempre um jeito de provocar a raiva da nossa irritadiça professora.

— Silêncio! — gritou dona Rute. — Se vocês não se comportarem bem até lá, cancelo a viagem.

Por mais um minuto, continuamos a gritar como caubóis de filme, porque sabíamos que ela não poderia desistir daquele passeio que todo ano se repetia para os alunos da quinta série. Quando nos calamos, ela prosseguiu:

— Não se trata de viagem de turismo, é uma excursão de estudo. Primeiro, visitaremos o castelo da Pedra Fria, onde residiu o general Roberto Brasão, herói de muitas guerras e revoluções que tivemos no passado. Lá existe um museu militar muito importante. Depois, já na volta, conheceremos o palacete do barão de Águas Escuras, onde funciona um museu de móveis, roupas, utensílios e carros do século passado.

— Desde o início do ano estou esperando ansiosamente por essa visita — disse a Alemoa Batata, lançando um olhar estranho em minha direção.

— Não é uma viagem tão impressionante assim — exibiu-se a Sabichona. — O castelo fica a apenas cem quilômetros daqui, e o palacete do barão não chega nem a cinquenta quilômetros.

— A distância não interessa. O importante é que as estradas para lá são muito ruins e a viagem acaba sendo demorada e perigosa — retrucou a Desmancha-Prazeres.

— Exijo que todos se comportem muito bem durante a viagem — insistiu a professora. — Iremos com o seu Vereveco. A escola sempre aluga o ônibus dele.

— Dona Rute, dizem que esse velho faz questão de rodar bem devagarinho que é para poder contar umas histórias furadas para os alunos — meteu-se a Desmancha.

8

— Cale a boca, Desmancha! Se não, eu arranco seu nariz a tapa — ameaçou Paulão, em voz baixa.

Paulo Hermógenes, o Paulão — um metro e noventa, cem quilos —, não gostava que irritassem a professora. Só uma pessoa naquela sala podia contrariar dona Rute: ele mesmo.

Embora caminhasse olhando para o chão a fim de não esmagar uma formiga, Paulão vivia ameaçando bater e arrebentar. Também fazia pose de mau aluno, mas sempre estudava um pouquinho para tirar nota superior a cinco. Era o líder dos meninos.

— Garoto asqueroso! — retrucou a Desmancha, e virou a cara.

Alta, magra, Carlota Maria, a Desmancha, tinha um narigão pontudo que ela fazia questão de manter sempre em pé, como se estivesse com nojo dos colegas. Ganhara aquele apelido porque sempre arrumava um jeito de botar defeito em tudo.



— O museu do castelo contém principalmente armas, uniformes de soldados e bandeiras de regimentos — continuou a professora. — Já o palacete, que é bem menor, está cercado por belos jardins e por um bosque de árvores centenárias.

— Dizem que o barão de Águas Escuras construiu o palacete só para receber sua esposa, uma mocinha inglesa. É verdade, professora? — insistiu a Sabichona.

— Parece que sim, Jandira — respondeu a professora, impaciente.

Jandira, a Sabichona, como o apelido informa, era a sabe-tudo. Sardenta, tinha cabelos ruivos divididos em duas tranças laterais, que lhe tapavam as orelhas. Gorducha, baixinha, ela não perdia ocasião de deixar bem claro para nós, seres humanos comuns, quem é que sabia mais naquela turma. Metia-se em tudo o que a professora dizia. Raramente tirava nota inferior a dez. Se por acaso tirasse um nove e meio, entrava em depressão.

— Dizem que tanto o castelo quanto o palacete são mal-assombrados. É verdade, professora? — perguntou a Desmancha.

— Isso é pergunta que se faça, Carlota Maria? — irritou-se dona Rute.

— Tanto o castelo quanto o palacete devem ter sido construídos num tempo em que não havia nem luz elétrica nem água encanada, não é, professora? — quis saber o inteligentíssimo Mosca.

— Chega de perguntas imbecis! — disse dona Rute, e encerrou a aula daquele dia.

## ***Só para não morrer burro***



Na saída, comentei com Paulão o assunto que mais me interessava naquele momento:

— O que você achou daquele negócio que a Desmancha falou? Será que o castelo e o palacete são mal-assombrados?

Eu não era dos garotos mais valentes da turma. Aliás, era um banana. Gorducho, cabelo cortado no estilo escovinha, óculos de lentes grossas, eu era o protótipo do que na época se chamava um “bundinha”.

— Que mal-assombrados que nada, Candinho! Se encontrar um fantasma por lá, vou logo sentando um tapa na cara para ele saber quem é mais homem.

— Essa viagem vai ser muito interessante e proveitosa. A gente vai aprender um bocado de coisas sobre o século passado — comentei.

Eu era um garoto estudioso, esforçado, mas tirava notas apenas razoáveis. Meu passatempo era descobrir palavras diferentes nos jornais e revistas que lia na casa de meu avô. Tinha até mesmo uma caderneta para registrá-las. Depois, ia verificar no dicionário o que significavam.

— Vou é aproveitar para azucrinar a dona Rute, Candinho. Nessa viagem, ela vai pagar todos os seus pecados!

